

PRÓLOGO

A luz rasante do sol que se erguia sem pressas arrombava as quatro janelas viradas a nascente e lançava compridos raios rosados que atravessavam o ar da sala, transformando o pó em suspensão num extenso universo com milhares de estrelas.

A lareira já deixara de crepitar havia umas horas, mas os toros que se transformavam em cinzas ainda incandesciam no seu berço de tijolo. Ali dentro, nenhum barulho competia com os silvos dos morcegos que regressavam ao esconderijo no forro do telhado e o chilreio das andorinhas que saltavam para os ares, substituindo-os na caça ao mosquito, prontas para encher o papo antes de iniciar o regresso a paragens mais quentes.

Os primeiros raios de luz que quebraram a penumbra da sala rodaram lentamente até caírem sobre o corpo sentado no cadeirão. Um homem, vestido de ganga e com uma camisola de lã grossa, calçando pantufas carneiras, estava sentado com as mãos cruzadas no colo, as pernas cruzadas, esticadas. A cabeça tombava sobre o lado direito, o queixo junto ao peito. Imóvel.

O sol subiu e rodou um pouco, expondo ainda mais o cenário descomposto que envolvia aquela personagem. Copos vazios, aqui e além, alguns pratos sujos, uma mesa com restos de comida e um candelabro alto, de seis velas, uma ao centro e cinco à sua volta, exibindo a cera agora fria que no auge do calor escorrera e

tomara a forma de complexas ondulações, correndo ao sabor da gravidade.

As conversas, os risos, os choros, os gritos, o tinir dos copos e dos talheres, ficaram perdidos na madrugada, sendo aquele homem o último, aquele que se deixou ficar para o fim.

ÍNDICE

PRÓLOGO	7
---------------	---

PRIMEIRA PARTE

PEDRO	11
RICARDO	17
FILOMENA	19
CAROLINA (ZÉ)	24
EDUARDO	30
VICENTE (e MARIANA)	33
MARIANA (e VICENTE)	37
TERESA	39
AMÉLIA	42
NUNO	46
JOÃO PAULO	49

SEGUNDA PARTE

QUINTA-FEIRA	57
SEXTA-FEIRA	84
SÁBADO	106
O ÚLTIMO JANTAR	119
EPÍLOGO	131